

Teorias do Jornalismo: Uma revisão bibliográfica para desconstruir as *fake news*¹

Gabriela Souza SILVA²

Mariana Oliveira SANTOS³

Carmen Regina de Oliveira CARVALHO⁴

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, BA

RESUMO

Devido aos avanços tecnológicos e maior utilização das redes sociais ao redor do mundo, a propagação das *fake news* fez-se mais presente. E, como o jornalismo é a instituição responsável pela checagem da veracidade e produção de conteúdos voltados para a informação do público, nota-se que as teorias jornalísticas podem ajudar no processo de desconstrução desse fenômeno. Sendo assim, esta pesquisa procurou encontrar possíveis soluções para desconstruir essa grande propagação de informações falsas com as teorias do jornalismo. O presente artigo utilizou uma revisão bibliográfica dessas teorias para chegar à conclusão de que é necessária a inserção da população na produção do jornalismo e a reformulação da instituição e organização jornalísticas.

PALAVRAS-CHAVE: *Fake News*; Jornalismo; Teorias do jornalismo.

Introdução

A disseminação de informações inverídicas, de forma intencional ou não, acontece desde o surgimento da comunicação entre os seres humanos. Tobias Peucer (1690) afirma que, desde a Antiguidade, o homem já se preocupava em contar a verdade nos seus relatos. Porém, nos últimos anos, é possível observar que a divulgação de notícias falsas - designadas "*fake news*" - cresceu consideravelmente,

¹ Trabalho apresentado na IJ 1 - Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Graduanda do Curso de Jornalismo da UESB, e-mail: gabrielasouzasilva417@gmail.com

³ Graduanda do Curso de Jornalismo da UESB, e-mail: mariana_si@hotmail.com.br

⁴ Doutoranda pela Universidade de Santiago de Compostela (USC), Espanha. Professora assistente da UESB, e-mail: ccarmencarvalho@yahoo.com.br

principalmente com o advento das redes sociais que proporcionaram um possível anonimato das pessoas que divulgam essas (des)informações sem se preocupar com a veracidade dos fatos ou com as consequências desse ato.

Seguindo Alsina (2009), podemos dizer que notícias que não são verdadeiras sempre existiram. Porém, as *fake news* não são notícias distorcidas, erradas ou mal apuradas. Elas são notícias falsas criadas propositalmente para enganar visando alguma vantagem sobre isso. Os boatos sempre existiram, o que muda é o contexto em que estamos inseridos, a velocidade e a profissionalização com que as fakenews tem se multiplicado para atingir um número cada vez maior de pessoas. (ALSINA, 2009, *apud* PORCELLO; BRITTES, 2018, p. 3).

Contrapondo-se às *fake news*, o jornalismo é uma área da comunicação que busca informar o público e atua como disseminador da verdade. Não é considerado conhecimento científico, de e também não é definido como senso comum, mas se classifica como uma forma de conhecimento. Seguindo esse pensamento, Meditsch (1997, p. 1), faz o seguinte questionamento: “[...]Jornalismo: Transmissão de Conhecimentos ou Degradação do Saber?”.

Desde já, o presente artigo objetiva responder, por meio de uma revisão bibliográfica, a seguinte questão: como as teorias do jornalismo implicariam na prática de ideias desconstrutoras do fenômeno das *fake news*? Para isso, este artigo embasou-se em autores de teorias do jornalismo como Genro Filho (1996), Park (2008), Meditsch e Sponholz (2011), que abordam o jornalismo enquanto um conhecimento teórico, além de um estudo de Genro Filho (1996) sobre a Escola de Frankfurt em seu livro *O Segredo da Pirâmide*. Carvalho (2018) também define teoricamente o que é o jornalismo. E, para a desconstrução das *fake news* utilizou-se os trabalhos de Peucer (1690), Wolf (2003), Guerra (2005), e Castro (2014).

Esta pesquisa ainda mostrou que uma possibilidade de desconstrução do fenômeno das *fake news* estaria em uma reforma da instituição e organização jornalísticas, duas teorias defendidas pelo professor e jornalista Josenildo Luiz Guerra como dois conceitos distintos que se complementam.

Definições do Jornalismo e suas principais Teorias

O jornalismo é um fato histórico-social, pois ele surgiu com a demanda de interligação mundial que aconteceu com o desenvolvimento do capitalismo. Como o

mundo passou por uma grande transformação devido à Revolução Industrial, fez-se necessário um setor para divulgar os acontecimentos e deixar a população informada. Genro Filho (1996) diz que o jornalismo possui sua essência na burguesia. “O jornalismo, então, é um produto histórico da sociedade burguesa, mas não um produto qualquer, um produto que supera os contornos das suas origens.” (CARVALHO, 2018, p. 3).

Carvalho (2018) define “o que é o jornalismo?” analisando hipóteses baseadas na “teoria do ser” do fenômeno e aspectos fundamentados na “teoria do conhecer” do jornalismo enquanto forma de conhecimento que tem como cerne a singularidade, utilizando a bibliografia do professor e jornalista Adelmo Genro Filho.

Citando Genro Filho, Carvalho (2018) acrescenta que, como o ser humano é por natureza curioso, o jornalismo surge como uma necessidade oriunda da ampliação da realidade. O crescimento do capitalismo fez com que aumentasse a procura por informações sobre os acontecimentos mais atuais, o que levou ao surgimento de uma indústria da informação que vem aperfeiçoando-se com o passar do tempo e que transformou as formas de conhecimentos e comunicação existentes.

Toda hipótese surge a partir de um questionamento. Desde a primeira infância, o ser humano é instigado a interrogar sobre os elementos e situações que constituem o seu mundo. O anseio de perguntar e obter uma resposta molda os homens em seu caráter humanitário e científico e, é exatamente esse desejo de entender algo que acarreta conhecimentos diversos.

Genro Filho (1996) divide o jornalismo em três aspectos: o primeiro é a generalidade abstrata, que trata-se do jornalismo generalizado, como por exemplo, afirmar que é somente uma forma de comunicação; o segundo é o seu papel na sociedade, como uma maneira de integrar os homens; em sequência, o terceiro aspecto mostra o jornalismo como uma questão ideológica do sistema regente, sendo a burguesia dona desse poder, pois, historicamente e conforme já citado, o jornalismo possui suas raízes no capitalismo.

Tobias Peucer (1690), na primeira tese sobre os relatos jornalísticos apresentada na Universidade de Leipzig, na Alemanha, tece um paralelo entre o jornalismo e a História. Peucer analisa os tipos de relatos ocidentais desde a Antiguidade, identificando o jornalismo na perspectiva do singular. O autor também comenta em seu trabalho a

origem dos primeiros relatos históricos periódicos, que caracterizam-se como as primeiras notícias.

Gostaria de dizer algumas coisas sobre as diversas formas da história. Uma dessas formas se ordena como um fio contínuo, conservando a sucessão precisa dos fatos históricos. Esta forma é denominada universal, particular ou singular. Uma outra, em troca, discorre e resenha em uma determinada ordem os fatos ou as palavras escolhidas e dignas de serem contadas que se extraiu separadamente da narração contínua dos fatos históricos. [...] Uma outra forma, finalmente, é a confusa. [...] Esta última classe ou tipo de *relationes* são relatos periodísticos (*relationes novellae*). (PEUCER, 1690, p. 15-16)

No que se refere à origem desses relatos, [...] é difícil afirmar quando, por primeira vez, surgiu esta maneira de escrever este tipo de notícias e de relatos, digamos, precipitados. [...] Quando Carlos Magno estendeu seu poder sobre os afazeres da Alemanha, teve início o ensino da história, assim como as outras artes, sobretudo por parte dos monges, que, apesar das dificuldades da época, deixaram por primeira vez uma relação dos fatos históricos em uma crônica. [...] Na Gália, Luís XI irá instituir os correios a fim de saber com mais rapidez e conhecer mais facilmente o que se passava em qualquer que fosse das províncias de seu império. (PEUCER, 1690, p. 16-17).

Quanto às Teorias do Jornalismo, Genro Filho afirma que “uma teoria do Jornalismo é um terreno absolutamente virgem, inexplorado, porque até agora não há uma concepção teórica satisfatória a respeito do Jornalismo, especificamente” (GENRO FILHO, 1996, p. 1). Para ele, não existia uma teoria que fosse razoável para esclarecer o jornalismo, sendo, portanto, uma área ainda não desbravada - pode-se inferir disso que as teorias do jornalismo defendidas anteriormente aos estudos de Genro Filho são consideradas apenas hipóteses para o autor. Antes de chegar a uma teoria concreta do jornalismo, Genro Filho (1996) resolve primeiro elucidar o que seria uma teoria, por meio de exemplos sobre o conhecimento empírico, ou do dia a dia, e o conhecimento teórico.

O mesmo autor define o conhecimento de senso comum como aquele que segue uma observação particular e limitada, por exemplo, a percepção de que os objetos quando jogados para cima, sempre caem. Já o conhecimento teórico pode ser desenvolvido quando se formula a essência desse fenômeno por meio de uma universalização máxima, como quando Isaac Newton diz, por exemplo, que “matéria atrai matéria na razão direta das massas e na razão inversa do quadrado das distâncias” (GENRO FILHO, 1996, p. 2).

O senso comum diz que a teoria é diferente do seu funcionamento na prática, contudo, esse pensamento superficial é equivocado e ineficiente, uma vez que a teoria só comprova a sua especificidade atuando na prática e é exatamente essa comprovação que resulta na credibilidade e legitimidade das teorias.

O Jornalismo se encontra num impasse teórico. E falo do Jornalismo aqui no sentido mais restrito do que a comunicação em geral. Porque, grosso modo, as abordagens que nós temos sobre o Jornalismo caem em alguns extremos que, de algum modo, não perfazem o caminho da teoria. (GENRO FILHO, 1996, p.3).

O Jornalismo, ainda de acordo com Genro Filho (1996), não é um fator atuante somente no quesito da informação, ele também opera, sobretudo, na formação do homem, sendo uma maneira de educar. É responsável por estabelecer o homem em seu papel social e sua função perante a sociedade.

Genro Filho (1996) busca, então, teorizar o jornalismo a partir do conceito genérico – uma forma de comunicação social – para depois ampliar este conceito utilizando três categorias da filosofia dialética de Hegel – singular, particular e universal –, passando pela história da universalização da humanidade, sobre a qual ele acrescenta que os seres humanos passam a se interessar mais pelo que acontece ao redor do mundo, não somente a relação de seus vizinhos, mas o desenvolvimento das relações capitalistas e industriais. Genro Filho chega ao que considera o mais profundo conceito de Jornalismo: uma forma de conhecimento baseado no singular (GENRO FILHO, 1996).

O conhecimento jornalístico possui suas características, assim como todas as outras áreas de saber. Contudo, como já citado, de acordo com Genro Filho (1996), o jornalismo está cristalizado no singular, mas o que é a singularidade? Para o autor, o singular é essencialmente os aspectos únicos que tornam algo exclusivo de alguém ou alguma coisa. E o jornalismo age e reage nesses princípios.

Mas Adelmo Genro Filho não foi o primeiro a tentar teorizar o jornalismo. Antes dele, alguns outros estudiosos do assunto já haviam procurado fazê-lo, a seus modos. A teoria do jornalista, ativista e sociólogo Robert Park é citada no artigo de Carvalho (2018) como “o primeiro teórico a trazer o jornalismo sob a perspectiva do conhecimento”. Park (2008), defendeu sua proposta interpretando os conceitos de *acquaintance with* e *knowledge about*. O primeiro é o conhecimento familiarizado, tido

como instintivo e intuitivo, enquanto o segundo é o conhecimento sobre algo, articulado e sistemático; é o conhecimento científico. Mesmo produzindo um conceito inicial do que é notícia, Park (2008) não deixa claro qual é o conhecimento oriundo do jornalismo. Ele difere a notícia do conhecimento científico enquanto a aproxima do senso comum (CARVALHO, 2018). E é justamente embasado nesse conceito incompleto de Park sobre o conhecimento jornalístico que Genro Filho (1996) estabelece sua teoria do jornalismo.

Em seu livro *O Segredo da Pirâmide*, Adelmo Genro Filho (1996) comenta a tradição academicista que trata o problema do jornalismo, da Escola de Frankfurt, que inclui nomes como Adorno, Horkheimer, Marcuse, Benjamin, Habermas e outros. No prefácio do livro, escrito pelo próprio autor, ele comenta sobre como a Escola de Frankfurt deixou um importante legado teórico que critica a cultura, a comunicação e a ideologia do capitalismo desenvolvido. Genro Filho (1996) ainda acrescenta uma espécie de denúncia contra essa Escola por seu estilo unilateral de abordar essas questões citadas apenas sob a ótica da manipulação. “Nessa perspectiva, são discutidas ideias do jovem Habermas a respeito do jornalismo e algumas posições de autores contemporâneos situados nessa tradição.” (GENRO FILHO, 1996, p. 6, prefácio).

A ideia de cultura como manipulação e do jornalismo como fenômeno redutível a sua forma mercantil, dotado de conteúdo essencialmente alienado e alienador, é uma das consequências teóricas dessa suposta unidade em processo de fragmentação radical e irresistível. [...] Adorno, Horkheimer e a maioria dos teóricos da Escola de Frankfurt jamais assumiram qualquer compromisso consistente - mesmo teórico - com a práxis revolucionária concreta. (GENRO FILHO, 1996, p. 1-3, cap. V).

Meditich e Sponholz (2011) propõem que as bases para uma “teoria do jornalismo 2.0” estariam no estudo do livro *O Poder Cultural Desconhecido*, obra de Otto Groth, considerado pelos autores o teórico mais importante da ciência jornalística. Para os autores, é preciso entender a essência do jornalismo em sua primeira versão, que eles chamam de “1.0”, para então compreender o que o ambiente cultural e tecnológico atuais vão modificar em um “jornalismo 2.0”.

Para reinventar o jornalismo é preciso entender sobre que bases foi originalmente inventado. E ninguém mais que Otto Groth mostrou este caminho. [...] A segunda parte é a mais conhecida da obra de Groth. Trata-se do trecho clássico no qual ele disserta sobre as características essenciais dos jornais: a periodicidade, a atualidade, a universalidade, e a publicidade, e daí extrai as “leis próprias” do

jornalismo. É uma referência inescapável em discussões sobre Teoria do Jornalismo, para a compreensão do que ele tem de específico como trabalho intelectual. Essas leis constituem o cerne de sua teoria no que explica a prática, e seguem sendo fundamentais para compreender as novas formas de jornalismo que emergem da internet. (MEDITSCH; SPONHOLZ, 2011).

Luiz Guerra (2005) faz uma diferenciação entre os conceitos de instituição e organização jornalística, defendendo que ambas possuem diferentes aspectos do fenômeno jornalístico e problemas que precisam ser considerados isoladamente, mas frisando que ambas só funcionam em conjunto. Guerra (2005) conceitua “instituição” como os princípios e a função da atividade jornalística, por meio da qual é possível identificar se uma atividade é ou não jornalística, sendo assim, as características universais do jornalismo. Já “organização” é definida pelo autor como o grupo de pessoas e meios dedicados a vitalizar a instituição jornalística.

Ainda de acordo com Guerra (2005) , a instituição representa uma ideia de “dever-ser”, enquanto que a organização representa o “ser” propriamente dito desta instituição. É a organização quem enfrenta as dificuldades práticas e rotineiras da implementação do “dever-ser” da atividade jornalística. Ele destaca ainda que os conceitos apresentados tinham como objetivo estabelecer o sentido no qual cada termo deve ser utilizado, e deixa uma pergunta: a causa dos problemas jornalísticos se encontra nos fundamentos das instituições ou nas performances das organizações?

É nesta perspectiva dos problemas jornalísticos que se encontra o fenômeno das *fake news* ou notícias falsas, que podem tanto ser criadas do zero, quanto transformar uma história real em meia-verdade, mantendo alguns detalhes originais e alterando ou acrescentando outros que não fazem parte do fato. É sabido que notícias falsas são disseminadas desde os primórdios da comunicação entre os homens, porém nos últimos anos, houve um alto crescimento da confecção e disseminação desse tipo de mensagem, criando um fenômeno mundial, principalmente no meio político. Qualquer um pode disseminar uma *fake news*, com ou sem intenção. Seja um cidadão comum, seja um veículo profissional de jornalismo.

Desconstruindo as *Fake News*

Segundo Guerra (2005), o jornalismo é o intermediário entre os indivíduos e a realidade e, além disso, atua com foco nos fatos. Na instituição jornalística, existe a relevância e a verdade do fato. São questões fundamentais. Não é ético divulgar informações falsas, pois “seguir uma opinião incerta e enganar os leitores em coisas de relativa importância é muito temerário” (Peucer, 1690, p.20), e o jornalismo deve trabalhar para que os dados apresentados ao público sejam os mais verdadeiros e coerentes possíveis. Para além disso, o jornalismo deve trabalhar com fatos de relevância social para atrair a atenção do público. Como os avanços tecnológicos desenvolvem-se freneticamente, o jornal impresso está perdendo espaço para o jornalismo digital que cresce com os blogs, microblogs, YouTube, Instagram e outras plataformas digitais. Com a facilidade atual de produzir conteúdo, o modelo reproduzido pelas mídias tradicionais (Televisão, Rádio, Jornal Impresso, Revistas) de Emissor → Conteúdo → Receptor, vem sendo substituído por Emissor ↔ Conteúdo ↔ Receptor, sendo, portanto, o próprio receptor capaz de ser também um emissor. A partir de então, todas as pessoas que desejam veicular informações na Internet, possuem acesso aos meios de divulgação.

Entretanto, a facilidade de produção e de divulgação de conteúdo na internet pode ocasionar um cenário de desinformação. A Internet não é capaz de controlar todos os conteúdos publicados e a capacidade de atingir um grupo maior de pessoas em um período curto de tempo é enorme, se comparada com a Televisão e o Rádio. As redes sociais e os aplicativos de mensagem instantânea, como o WhatsApp, permitem que seus usuários compartilhem com outras pessoas os conteúdos recebidos, o que pode levar a proliferação de publicações sem uma checagem correta.

De acordo com Porcello e Brittes (2018), o distanciamento do jornalismo como principal difusor de informações destacou a importância de seus profissionais diante dos receptores. Porém, com o desenvolvimento das tecnologias e o avanço das redes sociais, informações são compartilhadas a todo momento, o que pode auxiliar na propagação de notícias falsas, já que qualquer pessoa pode produzir e disseminar um conteúdo - verídico ou não - *on-line* em frações de segundos. Ainda segundo os autores, essas

novas formas de comunicação acabam por fortalecer ainda mais a crise de credibilidade que afeta o jornalismo.

Porém, podemos levantar a hipótese de que o surgimento do debate sobre as fake news reforça a importância de um veículo ou um profissional que traz a informação. Assim, estimulando a busca por conteúdos oriundos de empresas jornalísticas e assinados por jornalistas responsáveis. Afinal, o papel do jornalista é selecionar entre todos os fatos que acontecem no mundo o que merece ser contado como notícia. (PORCELLO; BRITTES, 2018, p. 4).

Dessa maneira, o jornalista enquanto profissional sério e qualificado apresenta-se como um fator essencial para o jornalismo na atualidade. Além de produzir as informações, esse profissional atua na averiguação das possíveis notícias falsas e desempenha o papel de levar a sociedade a verdade dos fatos de forma mais próxima da realidade.

“Relaciono com a vontade do escritor de periódicos a credibilidade e o amor à verdade.” diz Peucer em sua tese publicada em 1690 (p. 19). Ele relembra que a primeira lei da história, dita pelo filósofo grego Cícero, é que não se deve dizer algo falso sobre ela e nem deve faltar coragem para dizer a verdade, sem suspeita de parcialidade. Na época em que foi publicada essa tese já se discutia sobre os malefícios de se espalhar notícias inverídicas, dando dicas de como verificar uma informação: “E por isso é preciso averiguar se quando um fato acontecido recentemente é anunciado imediatamente em locais diversos, é confirmado pelo testemunho de muitos.” (PEUCER, 1690, p. 20). O autor também menciona sobre a relevância de um fato para chegar a ser publicado:

Pois bem, como estes fatos são quase infinitos, cabe estabelecer uma seleção de modo que seja dada preferência [...] àqueles que merecem ser recordados ou conhecidos. [...] Ao escolher a matéria digna dos novos relatos jornalísticos, cabe algumas precauções que a prudência comum sugere. A primeira é esta: que aí não se ponha coisas de pouco peso ou as ações diárias dos homens [...]. (PEUCER, 1690, p. 20-21).

Wolf (2003) afirma que os critérios substantivos do *newsmaking* - o modo de fazer notícias - estão ligados à importância e ao interesse da notícia. Entre eles, Wolf destaca justamente a “relevância e significatividade do acontecimento quanto à evolução futura de uma determinada situação” (GANS, 1979, p. 152 apud WOLF, 2003, p. 89).

Wolf (2003) também vai tratar sobre as fontes jornalísticas. Consideradas como um elementos importantes para a qualidade do que se é produzido nas mídias de comunicação de massa, o autor ressalta que a relação entre os jornalistas e as fontes concentra-se em alguns fatores:

Esses fatores são: a. a oportunidade antecipadamente revelada; b. a produtividade; c. a credibilidade; d. a garantia; e. a respeitabilidade. [...] O factor da credibilidade está ligado à observação anterior: do ponto de vista dos jornalistas, as fontes devem ser tão credíveis que a informações fornecidas exija o mínimo possível de controlo. Caso contrário, a notícia teria de ser verificada a partir de, pelo menos, duas fontes diferentes, mas se a informação puder ser explicitamente atribuída a uma única fonte, o problema da credibilidade passa do jornalista para a fonte [...]. A garantia é um factor que substitui o anterior: se a credibilidade da história não pode ser rapidamente confirmada, o jornalista procura basear-se na credibilidade da fonte, na sua honestidade [...] Os repórteres não têm tempo para desenvolverem contactos com fontes que não são conhecidas [...]. Além disso, essas fontes estranhas fornecem informações que não podem ser verificadas, gerando, portanto, a incerteza. (WOLF, 2003, p. 99-101).

Outro fator que faz com que as notícias falsas sejam divulgadas constantemente é o interesse do público naquele assunto. Quando uma pessoa possui certo posicionamento sobre determinado tema, por exemplo, ela acreditará mais facilmente que aquela mensagem recebida por pessoas que compactuam com aquele mesmo pensamento seja verdade. Consequentemente, a possibilidade de ocorrer um compartilhamento daquela “notícia” como verdadeira é muito maior. Por esse motivo, a população deve sempre averiguar se as notícias são verdadeiras. Contudo, como realizar esta atividade? É necessário observar em vários meios de comunicação se aquela informação procede ou não e, é preciso checar de uma maneira mais ampla, observando em quais veículos de comunicação, o número de vezes que aquela informação aparece em meios diferentes, e não permanecer restrito aos veículos de gosto pessoal.

Pensando neste princípio de interesse do público sobre alguns temas, nos anos de 1970, dois jovens professores da Faculdade de Comunicação da Carolina do Norte, Estados Unidos, Maxwell McCombs e Donald L. Shaw, desenvolveram a hipótese da *Agenda Setting* ou Agendamento:

A *Agenda-setting* supõe uma correlação positiva e alta entre a agenda midiática e a agenda do público. A agenda pública, no entanto, possui uma capacidade limitada. As pessoas prestam atenção a um número restrito de assuntos por vez, limites impostos tanto pelo tempo quanto pela capacidade psicológica. (CASTRO, 2014, p. 202).

Essa hipótese analisa como o público desenvolve interesse pela camadas de assuntos específicos como: educação, saúde, segurança, economia, política.

Enquanto muitos temas competem pela atenção do público, somente alguns são bem-sucedidos em conquistá-lo, e os veículos noticiosos exercem influência significativa sobre nossas percepções sobre quais os assuntos mais importantes. (MCCOMBS, 2004, p. 19). [...] Assim, percebeu-se que há uma série de fatores psicológicos e sociológicos que são significantes no relacionamento do público com os meios de comunicação de massa. Tais fatores, segundo McCombs (2004), podem estimular ou constranger o grau de influência dos veículos de comunicação. “O público não é um autômato coletivo que passivamente espera ser programado pela mídia. O padrão da cobertura da mídia para alguns temas ressoa no público. Para outros temas, não há ressonância”. (MCCOMBS, 2004, p. 32 *apud* CASTRO, 2014, p. 203).

Nota-se que ao se deparar com uma notícia falsa, muitas pessoas optam por verificar se aquelas informações estão sendo veiculadas em alguma mídia considerada confiável - normalmente mídias tradicionais. Essa situação ocorre devido a credibilidade e confiabilidade que esses veículos ainda passam para o público. O ser humano tende a acreditar em situações possivelmente veiculadas por jornalistas, que são as pessoas responsáveis por checar e repassar as informações para o público, do que em informações anônimas, ou seja, sem assinatura do profissional qualificado, principalmente quando este profissional presencia o fato. Por exemplo, durante um julgamento, uma testemunha ocular passa mais confiança do que uma testemunha que só ouviu sobre o caso. Então, dessa forma, um narrador presencial - neste caso, o jornalista que assiste ao acontecimento -, tem mais crédito com a sociedade, em vez do narrador que tem sua narrativa proveniente de outro testemunho (PEUCER, 1690).

No quesito jornalístico, a notícia é construída e divulgada como a verdade. Entretanto, mesmo que a população perceba que algumas informações não condizem com o real - como pode acontecer com as *fake news* - esse público raramente terá acesso aos fatos intrínsecos dessas informações, como as mesmas foram produzidas, e entender os gêneros jornalísticos - muitos sequer sabem diferenciar notícia de artigo de opinião, por exemplo. A partir desse ponto, inserir a população nas pautas e acontecimentos, evitando que o público seja somente objetificado como uma estatística ou afins, poderia ser uma alternativa na desconstrução do fenômeno das *fake news*, uma vez que a população poderia ter acesso as várias versões das informações divulgadas, entender

que o jornalismo não se prende apenas a fazer notícias, compreender as diferenças entre os gêneros dos conteúdos criados e conhecer como eles são produzidos.

Analisando as teorias do jornalismo como base para a desconstrução das *fake news*, nota-se que a instituição e organização jornalística podem desempenhar um papel importante na tentativa de frear esse avanço de desinformações espalhadas pelas notícias falsas no meio público. Uma possível solução para essa questão seria haver uma reformulação na instituição e organização jornalísticas. Como já foi mencionado neste trabalho, Guerra (2005) defende a teoria da instituição e organização jornalísticas como objetos diferentes. Para o autor, a instituição possui sentido *strictu sensu*, relativo aos padrões éticos-políticos necessários para se cumprir a missão e função social do jornalismo; e sentido *latu sensu*, ou normatividade técnica, relativo às competências profissionais exigidas. Já as organizações jornalísticas, segundo o autor, são responsáveis por fazer cumprir o ideal institucional do jornalismo, no entanto, cada organização tem um modo próprio de implementar o jornalismo como instituição.

Então, considerando-se esses dois conceitos, uma sugestão para desconstruir o fenômeno das *fake news* está em inovar o modo de se fazer jornalismo, ou seja, reformular seus princípios institucionais. Por exemplo, realizar uma maior aproximação do jornalismo com a população, além de deixar melhor evidente para o público como ele é produzido. E também reformular a organização jornalística: jornalistas, veículos de comunicação, suas metodologias e formas de divulgação das informações. Nota-se que algumas empresas de comunicação estão buscando atualizar a sua maneira de fazer jornalismo, utilizando uma linguagem mais próxima do público (gerando, evidentemente, maior interesse do público jovem), jornalistas que fogem do padrão “engessado” em uma bancada, por exemplo, e uma aproximação maior do público, não como simples estatística, mas como pessoas que precisam que seus problemas sejam ouvidos e divulgados.

Considerações Finais

Este trabalho buscou encontrar, dentro de algumas teorias do jornalismo, apresentadas em forma de revisão bibliográfica, maneiras de solucionar o fenômeno das

fake news. A sua desconstrução pode acontecer com uma reformulação das instituições e organização jornalísticas de forma que o público seja seu tema principal e esteja mais próximo do jornalismo para compreender como as informações são investigadas e confeccionadas.

Nos últimos anos, a expressão *fake news* se fez muito presente no vocabulário das pessoas em todo o mundo pois muitas delas acreditam rapidamente nessas notícias falsas, compartilhando-as com outras pessoas, ampliando ainda mais o horizonte que essas informações inverídicas conseguem atingir. Com este trabalho, é possível enxergar uma solução para esse fenômeno nas teorias do jornalismo. Como sugestão para um trabalho futuro, é preciso estudar mais a fundo quais as razões que levam as pessoas a acreditarem nessas desinformações, para que se possam aplicar essas soluções aqui apresentadas, da melhor forma possível, visando frear o fenômeno das *fake news*.

Referências Bibliográficas

ALSINA, Miguel Rodrigo. **A construção da notícia**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

CARVALHO, Carmen. O jornalismo como modalidade de conhecimento centrada no singular. *American Journal of Sociology*, ed. 45, p. 669-686, 2018.

CASTRO, Davi de. **Agenda-setting**: hipótese ou teoria? Análise da trajetória do modelo de Agendamento ancorada nos conceitos de Imre Lakatos. In: INTEXTO, 12, 2014, Porto Alegre, UFRGS, n. 31, p. x-x., 2014. Disponível em:
<<https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/46390>>. Acesso em: 19 mar 2019.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. In: Revista da Fenaj. Brasília, Fenaj. ano I, n.1. mai. 1996, p. 2-3 e cap. V. Disponível em:
<<https://pt.scribd.com/document/235958371/O-segredo-da-piramide-pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

_____. Teoria do Jornalismo - Palestra de Adelmo Genro Filho: Jornalismo já tem a sua teoria. **Revista da Fenaj**. Ano I, nº 1. Brasília, maio de 1996. Disponível em:
<<http://www.danielherz.com.br/system/files/acervo/ADELMO/Palestras/Jornalismo+Ja+Tem+Sua+Teoria.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

GUERRA, Josenildo Luiz. **Instituição e Organização Jornalística**: uma distinção conceitual. In: V INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES

DA COMUNICAÇÃO. 09, 2005, XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro: UERJ, 2005. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/r1725-1.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

MCCOMBS, Maxwell. A teoria da agenda: a mídia e a opinião pública. Petrópolis: Vozes, 2004. In: CASTRO, Davi de. *Agenda-setting*: hipótese ou teoria? Análise da trajetória do modelo de Agendamento ancorada nos conceitos de Imre Lakatos. In: INTEXTO, 12, 2014, Porto Alegre, UFRGS, n. 31, p. x-x., 2014. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/46390>>. Acesso em: 19 mar 2019.

MEDITSCH, Eduardo. **O Jornalismo é uma forma de conhecimento?** Universidade Federal de Santa Catarina, set. 1997. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>>. Acesso em 24 mar 2019.

MEDITSCH, Eduardo; SPONHOLZ, Liriam. **Bases para uma Teoria do Jornalismo 2.0**, 2011. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/armazem-literario/bases-para-uma-teoria-do-jornalismo-20/>> Acesso em 20 mar. 2019.

PARK, Robert. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento. In: CARVALHO, Carmen. O jornalismo como modalidade de conhecimento centrada no singular. *American Journal of Sociology*, ed. 45, p. 669-686, 2008.

PEUCER, Tobias. *De relationibus novellis*. Alemanha: Universidade de Leipzig, 1690. In: DIAS, Paulo da Rocha. Os Relatos Jornalísticos. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, vol. I, no. 2, 2o sem. 2004, p. 13-29. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2070/1812>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

PORCELLO, Flávio; BRITES, Francielly. **Verdade x Mentira: A ameaça das fake news nas eleições de 2018 no Brasil**. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Joinville - SC, 2 a 8 set. 2018. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0364-1.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

WOLF, Mario. **Teorias da Comunicação**. Portugal: Editorial Presença, ed. 8, 2003. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0ByGOj9_gW1Y7OWJTeGp5LVJjcFU/view>. Acesso em 24 mar. 2019.